

Sal e Luz: repensar a Vida Religiosa a partir da Missão

Novos impulsos e imperativos para a Vida Consagrada

(Pe. Edênio Valle, SVD)

- 1) Não começamos do zero. A VR missionária do Brasil tem já uma caminhada bonita como os testemunhos bem o demonstraram. Há em nossa caminhada pontos comuns a todos os institutos e outros que são aspectos específicos e decorrem do carisma próprio de cada congregação, conjugando em forma própria: missão e consagração, seguimento, comunidade e missão.
- 2) Os institutos missionários têm um papel especial na animação missionária da igreja e da VR, como esse congresso mostrou. Unidos e articulados poderemos fazer muito mais.
- 3) A experiência da VR "além fronteiras" deve ser transmitida ao todo da(s) Igreja(s) locais, na linha de uma evangelização consciente de que a " Igreja é *para* o mundo". A encenação de um dos grupos o disse partindo do mote: "se calarem a voz dos profetas ...".
- 4) Há um "modo brasileiro e/ou latino-americano" a ser levado aos povos e Igrejas particulares. É rico porque oferecido desde nossa pobreza. E há, por outro lado, muito a receber deles. Essa *troca* enriquece a catolicidade da Igreja do Brasil e da VR. Nosso "modo" pode servir como ponte no diálogo entre as Igrejas do hemisfério Sul.
- 5) Há um esclarecimento a ser feito quanto ao uso das expressões "ad gentes" e "além-fronteiras". No segundo caso deve se considerar que vivemos num mundo "sem fronteiras" e que a acepção geográfica do termo precisa ser superada. A missão se dá sempre "nas fronteiras" . Ex: os areópagos citados na Redemptoris Missio 37.
- 6) Três diálogos diversos devem ser levados de modo prioritário pela VR missionária do Brasil: o macro-ecumênico; o diálogo-aproximação com a as grandes religiões (Budismo, Islamismo); o diálogo com os distantes.
- 7) Essas ênfases não devem arrefecer o diálogo ecumênico que se dá entre as Igrejas cristãs e, de modo especial, com os pentecostalismos que empolgam especialmente o povo mais pobre.
- 8) A ação e a responsabilidade missionária é de todo o povo de Deus. A ida ad gentes não é só dos institutos missionários e/ou da VR e sim das Igreja particular do Brasil : é ela que envia.
- 9) A presença da mulher consagrada nas fronteiras é mais significativa que a dos homens. Não haverá aqui uma importante *brecha* prática para desenvolver o papel novo da mulher na Igreja de modo a alavancar outras mudanças?
- 10) O resgate das culturas oprimidas e, especialmente a luta com e em favor dos movimentos sociais fazem parte integrante da Missão. Não há anúncio do Evangelho de Jesus sem Justiça, Paz e Defesa da natureza.
- 11) As circunstâncias de guerra, miséria e doenças (aids) encontradas na África e AL (China) exigem duas atitudes missionárias que se complementam: a samaritana e a da denúncia crítica. Como fazer essa segunda é algo extremamente delicado para quem vem de fora, mas é imprescindível. A presença do missionário deve ser marcada pela sobriedade de um estilo apostólico de vida pessoal e pelo esforço em não dependências de modelos e fontes exteriores.

- 12) A formação missionária das novas gerações é uma prioridade urgente. Cabe aqui a preocupação com a ausência no Brasil de cursos sólidos de Missiologia. O ITESP, de São Paulo, inaugura em 2006 o seu Mestrado. Poderá vir a ser o (ou um!) lugar de nossa reflexão e aprofundamento da experiência missionária da Igreja e da VR missionárias.
- 13) Dois aspectos fundamentais para o missionário religioso/a precisam ser enfatizados: a espiritualidade enriquecida pela experiência de imersão na nova cultura (deve ser "itinerante") e a infra-culturalidade dentro das congregações.
- 14) Nos próximos anos é importante que VR, tanto masculina como feminina evitem uma espécie de "paroquialização" de nosso carisma que é essencialmente marcado pela eclesialidade e pela missionariedade. No Brasil esse aspecto tem a ver com a refundação e o redimensionamento das obras tradicionais pois houve uma certa domesticação do carisma. É necessário encontrar caminhos que permitam, ao mesmo tempo, atender as demandas "dentro" da Igreja do Brasil e as que decorrem do compromisso missionário, dentro e fora do Brasil. Os bispos nem sempre percebem esse nosso dilema, em especial no caso das congregações clericais.
- 15) A VR missionária brasileira, como os depoimentos o ressaltaram, apresenta também ambigüidades e limitações. Uma é a de: chegar "desde cima" e trabalhar de fora para dentro, trazendo modelos externos e criando dependências prejudiciais.
- 16) As novas formas de Vida Religiosa, em geral motivados para uma evangelização de tipo conservador, estarão percebendo a importância fundamental da dimensão ad gentes para a vida consagrada? Será que isto se dá, em parte, por omissão de nosso testemunho e diálogo com esses movimentos?
- 17) Do ponto de vista do que está acontecendo no mundo hoje, devemos nos perguntar se não estará emergindo na Igreja Católica um novo sujeito histórico da atividade missionária ad gentes? A fase européia da Missão estará chegando a uma espécie de fim (ou transição)? Estamos preparando os futuros agentes da missão (asiáticos, africanos, latino-americanos) para seu novo papel na Igreja Universal?
- 18) Esses novos missionários, nos próximos 100 ou 50 anos, têm algo original a contribuir para o novo rosto do Catolicismo mundial?
- 19) A igreja dos mártires é uma inspiração; ela traz uma correção para auto-suficiência de épocas passadas. O que escutamos nos relatos da China e Uganda e no exemplo tão próximo a nós da Ir. Dorothy são um sinal de Deus para o modo missionário que devemos ajudar a Igreja do século XXI a criar.
- 20) Acompanhar e assumir participativamente -- com autonomia e disponibilidade -- as iniciativas das POM, Comina, Linha 2 da CNBB, CRB, CIMI etc. Nossas obras (colégios, paróquias, instituições) precisam ser envolvidas nas propostas de animação missionária que esses organismos nos fazem.